

Uso dissimulativo do objeto e a corrupção da verdade

Carlos Augusto Ferrari Filho¹, Porto Alegre

O discurso, no âmbito do sujeito social, constitui um eficiente modulador das relações estruturais civilizatórias. Como norma, espera-se que o processo comunicacional cumpra a sua função precípua de esclarecer e facilitar a compreensão da realidade e, portanto, contribuir positivamente para a construção do conhecimento. Mas, em tempo de crise, em época de exacerbação do mal-estar na cultura, é lícito esperar que o uso da palavra, em particular do discurso racional, mantenha a sua potência organizadora? Dentro de um recorte conceitual psicanalítico, utilizando-se alguns conceitos de Freud sobre o desenvolvimento dos rudimentos de um aparelho psíquico capaz de pensar a realidade em si, ou o incognoscível, discute-se a força (des)estruturante da palavra. Observa-se, de forma mais específica, a força do pensamento mágico, ou a potência do desejo, que, em situações de crise, ao avançar sobre o pensamento racional, possui o poder de desconstruir a força reveladora da palavra. Discute-se brevemente, utilizando um exemplo clínico e duas situações históricas, um conceito exploratório e o uso dissimulativo do objeto, que examina o efeito psíquico desorganizador frente ao falseamento da verdade.

Palavras-chaves: Mal-estar na cultura; Pensamento mágico; Dissimulação da verdade

¹ Membro efetivo e psicanalista didata da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA).

Carlos Augusto Ferrari Filho

“Não há outra maneira de progredir senão tropeçando, caindo e se levantando, uma e outra vez. O erro estará sempre presente, porque o acerto, de certo modo, se confunde com ele. No grande desafio de separar a verdade da mentira – operação perfeitamente possível e, talvez a mais humana de todas – é imprescindível lembrar que nessa tarefa não há, nunca, conquistas definitivas que não possam ser impugnadas mais tarde, conhecimentos que não possam ser revistos. No grande bosque de desacertos e de enganos, de insuficiências e miragens pelo qual transitamos, a única possibilidade de que a verdade vá desbravando um caminho é o exercício da crítica racional e sistemática a tudo que é – ou simula ser – conhecimento. Sem essa expressão privilegiada da liberdade, do direito de crítica, o homem se condena à opressão e à brutalidade e, também, ao obscurantismo”². (Vargas Llosa, 2018, p. 111)

Contexto

Como norma, espera-se que o processo comunicacional cumpra a sua função precípua de esclarecer e facilitar a compreensão da realidade e, portanto, contribuir positivamente para a construção do conhecimento. Por ser uma conquista evolutiva do gênero humano, a ferramenta com maior potencial para comunicar ideias, sentimentos e desejos, enfim, tudo o que nos distingue como espécie, a força da palavra é um elemento decisivo em termos dos processos que nos tornam *homo sapiens*. A questão aqui trazida à discussão é o uso que se pode dar a esse

² São palavras escritas a propósito das ideias do pensador-filósofo Karl Popper (1902-1994). Diz também Vargas Llosa (2018), “para Popper a verdade não se descobre: vai sendo descoberta, e esse processo não tem fim. Ela é sempre, portanto, uma verdade provisória, que dura enquanto não é refutada. A verdade está no esforço da mente humana para descobri-la, escondida como um tesouro nas profundezas da matéria ou do abismo estelar, aguardando o explorador adivinho que a detecte e exiba para o mundo” (p. 107).

incrível artefato, dentro de um recorte conceitual específico, o do conhecimento psicanalítico.

Considerando as diversas abordagens propostas por autores psicanalíticos que poderiam trazer interessantes e esclarecedoras contribuições, escolhe-se pensar o uso da palavra a partir de alguns conceitos de Freud. Em particular, as suas ideias sobre a possibilidade da construção mental a respeito do que se convencionou chamar de realidade em si, ou o incognoscível, ressaltando a pioneira contribuição freudiana sobre o decisivo e determinante papel do interjogo pulsional no processo de representação dessa realidade. Em tal processo, encontra-se presente um esquema de forças no qual, no limite, está a predominância da potência reveladora da pulsão de vida ou, ao contrário, a imposição desconstrutiva da pulsão de morte.

Um espaço-tempo cultural disruptivo não estaria a indicar, segundo uma perspectiva econômica, um desequilíbrio na neutralização/entrelaçamento das duas grandes forças pulsionais, Eros e Tânatos? O desentendimento crescente entre nações, a fragmentação de alianças supranacionais, o questionamento e a fratura dos blocos ideológicos hegemônicos, tudo isso nos transmite a forte impressão de que a humanidade caminha para mais uma crise de grandes proporções, capaz de gerar desagregação onde antes havia convergência. É uma crise com tamanho potencial destrutivo e desorganizador que poderá colocar em xeque, mais uma vez, a estabilidade das estruturas sócio-políticas responsáveis por sustentar o planeta.

Apresentar-se-á um quadro conceitual exploratório a partir de ideias que olham para o macro contexto da cultura, sem ignorar as relações recursivas entre esse todo e os indivíduos que o compõe. Ou seja, o pressuposto aqui não é a existência de relação de causa e efeito linear entre as partes e o todo. Por outro lado, também não é objetivo desse ensaio ocupar-se com a complexa teia de conhecimentos específicos que o tema abarca – filosofia, filologia, psicologia, teoria da comunicação, pensamento sistêmico, pensamento complexo, entre outros –, e, sim, oferecer algumas ideias, ainda em caráter introdutório, sobre o mal-estar da cultura que, de forma inequívoca, vem aumentando nas últimas décadas.

Um dos produtos da polarização ideológica nos anos 2000 tem sido a radicalização discursiva. Em consequência, na cultura, âmbito natural para o uso da dialética e da retórica, observa-se um esvaziamento crescente da força reveladora da palavra. Como decorrência desse relativo afrouxamento das relações entre significado e significante contidas no *signo linguístico*, a palavra, que normalmente revela e dá sentido à experiência humana, tem sido, muitas vezes, (mal) utilizada para esconder e dissimular. Isto acaba determinando um vazio entre intenção e discurso, além de gerar um falseamento no vínculo entre práxis e palavra.

Como entender a realidade social quando o objeto externo é percebido como

Carlos Augusto Ferrari Filho

dissimulador? Confuso, o sujeito pergunta-se: o outro percebe ou não a mesma realidade? E, em caso positivo, percebe, mas distorce? Percebe, mas desmente? Ou, o que seria pior, intencionalmente usa a palavra com o objetivo de confundir? Se, em tempos de uma certa normalidade do mal-estar na cultura, essa situação representaria um problema considerável – diz-se que, na política partidária, mentir é aceitável e, na luta pelo poder, os fins justificam os meios –, o que pensar em relação a esse fenômeno em tempos de disrupção na cultura, quando o sujeito assombra-se ao confrontar uma insensatez incompreensível?

Utilizo algumas ideias de Freud sobre o desenvolvimento primitivo do aparelho psíquico, mais especificamente a respeito dos conceitos associados à gratificação alucinatória do desejo e à função Representação e, em particular, os seguintes pares antitéticos: identidade de percepção ↔ identidade de pensamento; processo primário ↔ processo secundário (Freud, 1900/1976); entrelaçamento ↔ desfusão/desentrelaçamento pulsional (Freud, 1923/1976; 1924/1976)³. Da mesma forma, abordo a noção freudiana da existência de “duas linguagens”, as quais delimitam as relações entre o sistema *Incs* e o sistema *Pcs* (Freud, 1900/1976).

Essas ideias freudianas sobre as duas linguagens são utilizadas como base conceitual para pensar, de maneira exploratória, o “uso dissimulativo do objeto” em nível individual (vinheta clínica) e na dimensão do sujeito social (fatos históricos).

Trabalha-se com as seguintes premissas: 1) o uso desconstrutivo da palavra pode ser considerado como um dos elementos marcantes na exacerbação do mal-estar na cultura contemporânea; 2) do ponto de vista econômico, da forma como Freud utiliza o termo, o discurso que dissimula seria um sintoma do desequilíbrio no balanço entrelaçamento ↔ desentrelaçamento pulsional; 3) um espaço-tempo cultural demarcado pela desconstrução da genuína busca pela verdade seria indicativo da predominância do desentrelaçamento pulsional.

Ontogênese

Referindo-se a uma “ficção de aparelho psíquico primitivo”, Freud (1900/1976, p. 542) estimula-nos a considerar, quando se pensa nos primórdios da subjetivação do sujeito, no desenvolvimento de um incipiente *self* psicofisiológico (Mahler, Pine & Bergman, 1975) em que o hipotético ponto de partida seria uma vivência de satisfação que vem de dentro, a qual ele denomina de gratificação

³ O uso do símbolo ↔ pretende lembrar que são relações processuais, sistêmicas, e não lineares, que definem a fronteira entre as instâncias citadas. Cabe então pensar em um interjogo dinâmico entre 2 posições, com predomínio de uma ou de outra, dependendo de um determinado contexto, que também é cambiante.

alucinatória do desejo. De acordo com Freud, ainda considerando a ideia de um aparelho psíquico primitivo, em paralelo, todo acúmulo de excitação é vivido como desprazer e, logo, esse aparato mental em construção é mobilizado para repetir aquela vivência alucinatória de satisfação. Essa corrente no interior do aparelho, partindo do desprazer e apontando em direção à busca do prazer, nomeada de “desejo” (Freud, 1900/1976, p. 542), funciona como o motor desse rudimentar mecanismo psíquico. Entendo que Freud mostra-nos que tal possibilidade de gratificação alucinatória, que possui um limite de tempo, precisa dar lugar a uma atividade de segundo nível, ou uma atividade em um segundo sistema, o sistema *Pcs*. Este se contrapõe àquele conjunto de atividades dominado pela força do desejo, o sistema *Incs*.

Deixemos de lado agora, nesse simplificado resumo, as relações econômicas entre os sistemas *Incs* e *Pcs* – o desejo produz uma pressão de satisfação constante –, para focar no processo de representação interna e, por extensão, de percepção da realidade externa. Penso que aqui está presente, através da possibilidade de representação em pensamento, a potência criativa e reveladora da pulsão de vida. Ao reverberar o esquema freudiano, entendo que se está considerando a possibilidade de representabilidade mental do conjunto de experiências da série prazer ↔ desprazer, agora já demarcadas por vivências Eu ↔ não-Eu naquele *self* psicofisiológico, que, por sua vez, antecipam o surgimento da noção de diferenciação psíquica sujeito ↔ objeto. Oportuno lembrar que é o segundo sistema, o *Pcs*, que, através da exploração do mundo externo, pode ir disponibilizando à censura, essa espécie de inteligência sutil capaz de organizar de forma autorregulatória as complexas relações entre os sistemas *Incs* e *Pcs*, o repertório de experiências de prazer/desprazer constitutivas da subjetivação do sujeito, as quais passam a integrar a massa de pensamentos oníricos que ficam à disposição da função Representação. Estou aqui sublinhando um aspecto, a meu ver, pouco explorado sobre o papel da censura, que usualmente é lembrada por sua faceta restritiva – impede a passagem de conteúdos inconscientes vinculados aos desejos proibidos – ou por sua capacidade de disfarçar o material reprimido, por exemplo, no trabalho do sonho, disfarce que abre caminho à transformação dos pensamentos oníricos no conteúdo manifesto do sonho. O extenso trabalho de pesquisa descrito por Freud em A interpretação dos sonhos (1900/1976) é generoso em relação à apresentação detalhada do trabalho da censura, realçando a criativa construção de pontes, ou estruturas associativas, entre os conteúdos latente e manifesto. No que diz respeito à possível localização mental dessas operações, Freud afirma “descrevermos como progressiva a direção tomada pelos processos psíquicos que brotam do inconsciente durante a vida de vigília” (Freud, 1900/1976, p. 497). Considerando

Carlos Augusto Ferrari Filho

que os sonhos “diferem dos devaneios [porque] seu conteúdo de representações transmuda-se de pensamentos em imagens sensoriais” (p. 490), é lógico pensar que, no sonhar, “a excitação se move em direção retrocedente” (p. 496), indo do pólo motor em direção à dimensão da senso-percepção. São exemplos do trabalho da censura, esse processador central indispensável para a função Representação: os pensamentos oníricos no sonhar; chistes e atos falhos; o fantasiar inconsciente na vigília; o sintoma neurótico, assim como a alucinação ou o delírio (Freud, 1901/1976; 1905/1976).

A propósito da compreensão e interpretação dos sonhos, ao descrever um modelo para o trabalho do sonho, Freud (1900/1976) postula a decisiva importância das relações entre os dois sistemas, *Incs* e *Pcs*, utilizando a metáfora das duas diferentes linguagens.

Os pensamentos [manifestos] e o conteúdo do sonho nos são apresentados como duas versões do mesmo assunto em duas linguagens diferentes. Ou, mais apropriadamente, o conteúdo do sonho é como uma transcrição dos pensamentos oníricos em outro modo de expressão cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir, comparando o original e a tradução. Os pensamentos [manifestos] tornam-se imediatamente compreensíveis tão logo tomamos conhecimento deles. O conteúdo [latente] do sonho, por outro lado, é expresso, por assim dizer, numa escrita pictográfica cujos caracteres tem que ser individualmente transpostos para a linguagem dos pensamentos [manifestos]. (p. 270)

Entendo que Freud sugere que a primeira engloba os pensamentos oníricos, relaciona-se ao conteúdo latente dos fenômenos psíquicos e acontece no sistema *Incs*. Por outro lado, a segunda linguagem inclui os constituintes manifestos do sonho, pertence ao sistema *Pcs* e está, portanto, ao alcance da consciência. Englobando a noção de lógicas distintas em cada sistema, Freud ainda acrescenta os conceitos de processo primário e processo secundário, relacionando-os respectivamente aos sistemas *Incs* e *Pcs* (ver Tabela 1). Segundo Freud (1900/1976):

(...) o processo primário esforça-se por promover uma descarga de excitação, a fim de que, com a ajuda da quantidade de excitação acumulada, possa estabelecer uma ‘identidade de percepção’ [coerente com] a vivência de satisfação. O processo secundário, contudo, abandonou essa intenção e adotou outra em seu lugar – o estabelecimento de uma ‘identidade de pensamento’ com aquela vivência. (...) [assim] o pensar [nada mais é do

que] uma via indireta [entre] a lembrança de uma satisfação até uma catexia idêntica da mesma lembrança [atingível através do pólo motor]. (p. 545)

Concordando com a perspectiva freudiana, entendo que a função Representação, em termos econômicos, tem como desiderato disponibilizar conexões entre esses dois sistemas. O sistema *Incs*, em termos da censura, com restrição próxima do zero (energia livre), sob dominância da lógica modo processo primário e cujo elemento de sintaxe é a identidade de percepção, e o sistema *Pcs*, com restrição máxima (energia ligada), operando sob a lógica modo processo secundário e cujo elemento de sintaxe é a identidade de pensamento.

(...) os processos primários acham-se presentes no aparelho anímico desde o princípio, ao passo que somente no decorrer da vida é que os processos secundários se desdobram e vêm inibir e sobrepor-se aos primários. (...) o âmago de nosso ser consiste em moções de desejos inconscientes (...) esses desejos inconscientes exercem uma força compulsiva sobre todas as tendências anímicas posteriores, uma força com que essas tendências são obrigadas a aquiescer, ou que talvez possam esforçar-se por desviar e dirigir-se para objetivos mais elevados. (pp. 546-547)

Acredito que, segundo uma perspectiva eminentemente econômica, o pensamento racional, manifestação de um predomínio na função Representação dos processos acionados em torno à linguagem B (mais evoluída) – identidade de pensamento/processo secundário –, estaria sob a constante pressão desestabilizadora da gratificação imediata do desejo. Assim sendo, em tempos de crise da cultura, considero a existência de um ataque à função reveladora da palavra, consequência de uma permanente imposição da via de gratificação direta, desmentalizada, fato que, ao alterar a homeostase pulsional, pode provocar uma certa adaptação compensatória via aparelho psíquico. Nessa circunstância, no âmbito da função Representação, passaria a existir como que uma regressão ao uso da linguagem A (mais primitiva) – identidade de percepção/processo primário. Essa confusão de linguagens, uma característica dos tempos de crise do mal-estar na cultura, produziria seus efeitos. A polarização e a ideologização crescentes não seriam sintomas do avanço da força do desejo, ou do pensamento mágico, sobre o pensamento racional? Onde o *meu* ponto de vista precisa se sobrepor ao *nosso* interesse comum? Em que o uso da palavra estaria perigosamente à mercê de expressões discursivas sobrecarregadas com a onipotência do pensamento, uma característica do primitivo no ser humano? Esta situação não denotaria a regressão até um predomínio do

Carlos Augusto Ferrari Filho

narcisismo primário em detrimento do investimento libidinal do objeto? Não seria lícito imaginar que essa estase pulsional em nível do narcisismo primário abriria as portas ao desinvestimento desconstrutivo da palavra, exatamente em função do derramamento do tanático, pelo desentrelaçamento pulsional?

	Linguagem A	Linguagem B
Sintaxe	identidade de percepção	identidade de pensamento
Lógica	processo primário	processo secundário
Energia	móvel	ligada
Sistema	<i>Incs</i>	<i>Pcs</i>
Série prazer/desprazer	gratificação alucinatória desejo	tolerância ao desprazer da não descarga
Destino da pulsão	narcisismo autoerótico	narcisismo secundário
Produtos da Representação	sentimento oceânico de indiferenciação	noção não-eu ↔ noção objeto interno

Tabela 1 – Topografia para a função Representação (baseado no modelo de Freud, que considera as 2 linguagens envolvidas nas relações entre os sistemas *Incs* e *Pcs*). Fonte: autor

Cultura

Entre os incontáveis exemplos nos noticiários ou em relatos históricos, escolhe-se dois fatos que evidenciam essa distopia da palavra. Em primeiro lugar, a farsa stalinista dos julgamentos públicos, nos países que ficaram sob o domínio russo durante o pós-guerra, daqueles líderes que, segundo Stálin, representavam algum tipo de ameaça ao regime. Em segundo lugar, um evento marcante de 2020, a definição do (des)acordo sobre o *Brexit*.

Em um completo painel histórico sobre a Europa do pós-guerra, Judt (2007) descreve a complexa trama de múltiplos interesses que foi estruturando os dois blocos antagonísticos dominantes daquela época. Enquanto do lado dos aliados a força da palavra estava como que avalizada por ideais democráticos, no bloco soviético, liderado com mão de ferro por Stálin, o discurso oficial imponha-se sobre a realidade de forma arbitraria, e não poucas vezes, como farsa grosseira, dando um caráter surreal à atmosfera social dos povos dominados.

Desde 1947 até 1952, o bloco soviético esteve em permanente pé de guerra: a produção de armas na Tchecoslováquia aumentou sete vezes entre 1948 e 1953 (...) sendo assim prisões, expurgos e julgamentos constituíam um lembrete ao público do conflito iminente (...) a acusação de que Rajk⁴ havia

⁴ Líder comunista da extinta Tchecoslováquia.

tramado com os EUA e com a Grã-Bretanha para derrubar os comunistas parecia crível (...) Como eram escolhidos os bodes expiatórios? (...) os julgamentos forjados (...) eram uma forma de pedagogia pública (...) diziam ao povo quem estava certo e quem havia errado (...) chegavam a definir um roteiro, um vocabulário oficial. (pp. 282-298)

Há situações em que a potência autoritária do indivíduo é de tal forma imperativa que a força do desejo impõe-se muito além das fronteiras do Ego pessoal. Naquele tempo, o determinante da palavra chamava-se Stálin. Sua visão de mundo autocrática, com características fortemente paranoides, colocou em funcionamento, através de engrenagens comandadas por Moscou e utilizando-se de narrativas oficialistas (os julgamentos públicos, por exemplo), formas de domínio e (des)governo a populações inteiras. A perda da liberdade de pensamento naquela situação é um exemplo da gravidade do dano possível produzido pela regressão a um nível de funcionamento primitivo – Linguagem A, no ordenamento das relações na cultura.

O resultado do plebiscito de 2016, quando a população do Reino Unido optou pela saída da União Europeia, foi uma decisão apertada: o *Brexit* recebeu 51,9% dos votos, enquanto 48,1% votaram pela permanência no bloco. Assim manifestou-se o jornal *El País* em matéria do dia 24 de junho de 2016:

(...) a mensagem dos riscos econômicos do rompimento, repetido à exaustão pelo *establishment* político, não encontrou eco junto aos eleitores britânicos, especialmente no norte da Inglaterra. A histórica decisão, com uma participação extraordinária de 71,8% (30 milhões de pessoas), fere enormemente o projeto europeu e infla o movimento contra o *establishment* político que há anos cresce no continente. Lá se vai a segunda maior economia do bloco, ao qual os britânicos pertencem há 43 anos [fazendo com que] agora [o projeto Europa] mergulhe num desafio sem precedentes. (s/p, tradução livre)

Desde 2016, infindáveis negociações tentaram suavizar esse rompimento. Foi apenas a poucos dias do prazo final, 31 de dezembro de 2020, que os interessados chegaram a um pálido acordo, considerado por muitos como temerário aos interesses democráticos e econômicos para ambos os lados. Dir-se-ia, do ponto de vista da abordagem desse ensaio, que a palavra foi derrotada. Ou que, aquilo que parece, não é. Se tantos afirmaram que um acordo seria benéfico para as economias e principalmente para o cidadão, o que construiu o impasse? A observação desse

Carlos Augusto Ferrari Filho

esforço pelo (des)acordo parece sugerir a existência de interesses inconfessáveis por trás do discurso, de algo que permanece inacessível à compreensão do senso comum. Ou, voltando ao referencial aqui discutido, é como se, por trás das palavras que tentam aproximar, houvesse forças desagregadoras, não efetivamente explicitadas, mas que terminam predominando. Um comentário sobre o sentido das palavras nesse contexto foi feito pelo articulista do *El País*, Timothy Garton Ash, a poucos dias do prazo fatal de 31 de dezembro de 2020:

Brexit significa *Brexit*. O lema da ex-primeira-ministra britânica Theresa May merece um lugar nos livros de filosofia, pois a frase com a palavra “significa” tem o menor significado na história. Mas não vamos nos enganar pensando que, quando finalmente descobriremos se existe ou não um acordo comercial mínimo entre o Reino Unido e a União Europeia, [será possível desvendar] o que significa *Brexit*. Levaremos pelo menos cinco anos, certamente dez, para vermos um perfil claro da nova relação entre as ilhas e o continente. E então a União Europeia pode ser muito diferente e o Reino Unido pode não existir mais (...) Em um triunfo da dissonância cognitiva, os apoiadores do *Brexit* conseguiram defender duas ideias incompatíveis ao mesmo tempo: que “Europa” era um plano franco-alemão hediondo para subjugar a Inglaterra em um império napoleônico, e que esses mesmos Napoleões, por ordem da indústria automobilística alemã, seriam obrigados a dar ao Reino Unido acesso livre e privilegiado ao mercado único, para que os britânicos pudessem ter o melhor dos dois mundos. (s/p, tradução livre)

Muitos afirmam que a ideia/desejo de sair da União Europeia é um eco de antigas desavenças e desconfianças fermentadas nos acontecimentos do pós-guerra. Outros vão além, entendendo que traços de seculares rivalidades entre França, Inglaterra e Alemanha permanecem vivos no imaginário desses povos. Não seria o caso de considerar que o projeto de integração, apoiado em ideias-palavras circunscritas a um horizonte que enxerga a continuação da penosa construção de um coletivo de nações, empreendimento ancorado na Linguagem B, é, ou ao menos seria, não uma solução ideal, mas aquela alternativa que melhor atenderia aos interesses comuns desse coletivo supranacional, tanto hoje quanto no futuro? E que, nesse momento de crise da cultura, o Reino Unido, assustado por estar diante de antigos fantasmas, regride ao modo mais primitivo, desconstrutivo, da Linguagem A?

O que pensar sobre a força da palavra nesse complexo contexto? *Brexit*, neologismo recente, é ainda vocábulo provisório em termos de seu sentido

simbólico primordial. Expressaria um movimento desconstrutivo, de cisão, ou seria rearranjo, doloroso, mas necessário, e, portanto, a serviço, em termos do pulsional, da lenta e difícil convergência (possível) de forças que possam alicerçar o projeto de uma Europa unida? Só o tempo dirá.

Pensamentos oníricos

Apresenta-se uma vinheta clínica focada na discussão de três sonhos de uma análise. O vértice de compreensão do material descreve o esforço no sentido de avançar, desfazer-se, do jugo autolimitante, tanático, que acontece a partir da identificação com um objeto desvitalizado/desvitalizante. O efeito dessa relação objetual primitiva coloca em risco o desenvolvimento de Eros, a configurar uma vida marcada pela des-existência (Faria, 2021), com o agravante de que a natureza desconstrutiva dessa parte do *self* funciona de forma dissimulada, escondida atrás de uma inibição adaptativa. Como em qualquer análise, a linguagem dos sonhos abre uma possibilidade para o reconhecimento de elementos do idioma da personalidade (Bollas, 1989), o qual, nessa situação em particular, poderia ser nomeado como a sintaxe de registros desconstrutivos.

No ano que antecedeu a eclosão da pandemia, estava se tornando mais rotineiro o exame de situações emocionalmente mais vivas. A dupla nomeou como “experiências” esses movimentos transitórios de abertura em direção ao contato direto com os sentimentos. Transferencialmente, essas experiências são percebidas como visitas a um espaço interno desconhecido, onde as vivências do presente, de certa maneira, iluminam referências do passado, denotando, oferecendo um sentido, ainda que rudimentar, aos aspectos primitivos que mobilizam registros que persistem fora do alcance da memória e, portanto, sem palavras. Durante a pandemia, passou-se para um atendimento on-line. Os sonhos aconteceram durante um período de 2-3 semanas, quando o foco das associações concentrava-se no relato de experiências vividas nos espaços profissional (atendimento de casos hospitalares graves da Covid-19) e pessoal-familiar (regime de trabalho intensivo e concentrado, o que gera exaustão física e mental). Na sessão do sonho número 1, um dos temas importantes foi a preocupação com um caso em particular, com mau prognóstico, em que houve uma piora rápida. Há o medo de que essa situação possa evoluir a óbito. Paciente faz um esforço para conseguir falar com o familiar desse doente internado. Esse familiar sentiu-se grato, até mesmo surpreso, com tamanha atenção.

Carlos Augusto Ferrari Filho

Sonho 1, em 5/11

Lembra de 2 sonhos diferentes, sonhados na mesma noite. Acordou entre os dois. O primeiro deles é sobre uma missão recebida, não se sabe de onde. Estava dirigindo um “carrão”. Primeiro em uma estrada confortável, que, ao se transformar, piora a dirigibilidade. Aquilo gerava desconforto e dúvida: sou capaz? Vou conseguir? A missão consistia em levar o carro para um destino desconhecido. Chegou a um lugar onde praticamente terminava a estrada. Ao redor, havia vegetação. Era uma trilha. Parou o carro. Todos desceram. Não sabe quem lhe acompanhava. Sabia que havia chegado ao seu destino, mas não sabia onde estava. Segundo sonho: não sabe onde está, nem o que está fazendo. Experimenta um sentimento de vergonha. Sente medo de perder os dentes da frente. Paciente associa os deslocamentos no sonho com a sua análise. Avança, mas com medo. “Fui me construindo dentro dessa proteção, dessa carapaça, um casulo. O carro bonito não é meu...”

Ao final do primeiro sonho, sente-se em uma atmosfera carregada de perigo, sem causa ou agente identificáveis. Suas associações concentram-se no primeiro sonho. Nada em relação ao segundo, que foi praticamente apenas uma sensopercepção, remetendo a uma experiência que causa vergonha. Na linguagem do sonho, experiência associada a uma ansiedade de castração – perder os dentes da frente.

A missão recebida expressa o seu desejo de mudar, de escapar de um casulo – a introversão que protege –, para não sentir o impacto dos sentimentos. Essa proteção transforma a vida em dirigir confortavelmente, mas com a impressão de perda de autenticidade. O trabalho analítico deixa o paciente mais próximo da vida como ela é, tortuosa, precisando enfrentar tanto as pressões externas (o trabalho está muito exigente) como também a pressão interna, devido ao impacto emocional dessas experiências – as estradas pioram até chegar a um trancamento (ausência de pensamentos). No segundo sonho, o medo e a vergonha, quase em estado bruto, expressam a vivência temida, o encontro com sentimentos não pensáveis (inimigos não identificáveis). Esse momento, que já aparece em linguagem do sonho, está ainda distante de uma representabilidade mais ampla em nível do *Pcs* – não coube no processo associativo da sessão. Chamativa também é a preocupação com o familiar isolado e sem informações, como que a sugerir uma nomeação possível para a “missão do sonho”: entrar em contato com potencialidades de Eros, que aguardam um salvamento libidinal.

Sonho 2, em 10/11

Conta sobre uma discussão, dentro de um grupo virtual, a respeito da eficiência de tratamentos para a Covid-19. Estava em dúvida sobre expor a sua posição, mas a intransigência de um colega que defendia um ponto de vista diferente do seu, algo que foi sentido como um ataque, fez com que decidisse expor as próprias ideias. Defendeu sua posição utilizando “argumentos científicos”, enquanto o lado contrário usava pressupostos emocionais.

“O sonho foi muito direto, como sempre. Estava visitando Y (uma cidade cheia de vida). Essa experiência deslumbrante alternava-se drasticamente. Bastava virar o rosto e o olhar deparava-se com alguém prostrado, abatido, com cara de doente, em um forte contraste. Essa alternância negativo/positivo, vida/ (des-existência), praticamente avançou sobre a vigília após o sonhar. Analista interpreta sobre a reverberação de contrastes: emocional – científico; experiências deslumbrantes (Eros) – prostração/doença (tanático).

Surgem palavras sobre o cônjuge. Nessa sessão, é descrito como objeto fracamente percebido. Analista avança em direção ao transferencial– “aqui, na análise, também há um colega que, às vezes, ao falar, estabelece um contraste”, incluindo interpretativamente, a seguir, o movimento defensivo em relação ao objeto interno: “a posição para dentro defende de sentir os sentimentos e, até, de reconhecer um convite, que vem de dentro [desse objeto desvitalizante], para se manter no casulo”. Quantas vezes ao longo da análise são descritos diálogos internos, onde uma voz interior convida a entregar-se à inércia, a não se importar...

Sonho 3, em 17/11

O cônjuge entra em um momento de maior intensidade e exigência profissional. Movimento externo com reverberação interna. Ciúmes. Palavra que, nessa sessão, efetiva a tradução de uma percepção, de algo que vem de dentro. “Senti uma coisa diferente... parei para pensar... estava com ciúmes... [é evidente o seu constrangimento] Por onde anda [o cônjuge], quando não está disponível? Parece estar menos disponível para mim. É difícil sentir isso”. Essa lembrança introduz a narrativa do próximo sonho. Percebe-se “fazendo deslocamentos entre espaços distintos, subterrâneos, onde era urgente disfarçar-se, na tentativa de enganar um porteiro atento. Estava tentando fazer uma coisa engenhosa, mas o objetivo não estava claro. Caminhava de um lado para o outro, não havia um destino. Sentia uma angústia, nervosismo; parecia estar faltando alguma coisa, algo que não podia lembrar”. Suas associações pós-relato: “ciúmes; nunca estive tão próximo de sentir ciúmes”.

Analista interpreta transferencialmente: “não sentia? Ou não percebia que

Carlos Augusto Ferrari Filho

sentia? Sentir, mas não perceber, é uma manobra engenhosa da mente. Essas manobras precisam enganar o porteiro-analista. O trabalho analítico está de olho nessas manobras”.

Paciente lembra uma conversa de casal, onde a proximidade/intimidade foi relaxante. Fala sobre um movimento de abertura em direção ao objeto. “Foram só poucos minutos de reaproximação, mas me senti melhor; o sono regularizou”. Lembra percepções, fantasias de cunho persecutório e em nível psicossomático: a exaustão do final de semana. Pergunta-se, não seria sintoma de adoecimento pela Covid-19? Não teria se contaminado? Mas não, logo se sentiu melhor e, nessa última semana, o balanço foi positivo. Termina com a “sensação de estar com os olhos abertos”.

Estamos lidando com aspectos, emoções em estado bruto, sentidos como doença contagiosa. Por outro lado, a nossa conversa analítica, sobre aprender a colocar-se no lugar do outro, única forma de efetivamente abrir-se em direção ao objeto interno, é sentida como reguladora do sono, estabilizadora do trabalho onírico, que, nesse caso, está sobrecarregado por emoções tóxicas, registros, basicamente em nível de sensopercepção (identidade de percepção), como no sonho com a ansiedade de castração. Movimentar-se, caminhando por subterrâneos psíquicos, escondendo-se, são imagens, pensamentos oníricos que aludem ao esforço para a construção de comunicação entre dois funcionamentos internos, entre duas linguagens distintas, com lógica e topografia psíquica própria. Há o reconhecimento de um esforço dissimulativo para enganar o porteiro-analista. Trata-se de uma situação que engloba, simultaneamente, como contraponto, a percepção de uma outra parte interna, produto de Eros, que anseia estar de olhos mais abertos para conseguir se proteger da astúcia de um objeto interno dissimulador, o qual convida a entregar-se à inércia.

Tempo de crise

O uso da palavra depende de complexos processos de natureza multifatorial. Dentro do esquemático recorte conceitual aqui proposto, discute-se a hipótese de que o uso da racionalidade, expressão da Linguagem B, é fenômeno sujeito à regressão, como é o caso, por exemplo, em tempos de crise, tanto em nível individual como no funcionamento do sujeito social na dimensão da cultura. Há uma tendência a imaginar que o uso da racionalidade humana seria ocorrência sólida, consistente. Não tem sido assim ao longo da história.

Destaca-se o fato de que, muitas vezes, um discurso racional, ao invés de

cumprir a sua vocação reveladora, pode estar fazendo um desserviço, especialmente quando esconde ou disfarça aspectos da realidade. Argumenta-se que, nesse caso, por força da regressão, o discurso racional, ao tornar-se permeável à potência imperativa do desejo, à onipotência do pensamento, preserva a aparência, mas perde em essência. Ao defender interesses narcísicos em detrimento de objetivos mais elevados, como, por exemplo, o interesse coletivo, em termos do sujeito social, ou da libidinização objetual, na dimensão individual, através de manobras de caráter dissimulativo, o discurso, ou o uso da palavra, pode confundir ou enganar. □

Abstract

The dissimulative use of the object and the corruption of the truth

The discourse, within the scope of the social subject, functions as an efficient modulator of structural civilizing relations. As a rule, it is expected that the communicational process fulfills its primary function of clarifying and facilitating the understanding of reality and, therefore, positively contribute to the construction of knowledge. But, in times of crisis, in times of exacerbation of discomfort in culture, it is legitimate to expect that the use of words, particularly of rational speech, will maintain its organizing power? Within a psychoanalytical conceptual framework, using some concepts from Freud on the development of the rudiments of a psychic apparatus capable of thinking reality itself, or the unknowable, the (dis) structuring force of the word is discussed. Looking, in particular, at the power of magical thinking, or the power of desire, which, in crisis situations, advancing on rational thinking, has the power to deconstruct the revealing force of the word. We briefly discuss, using a clinical example and two historical situations, an exploratory concept, the dissimulative use of the object, which examines the disorganizing psychic effect in the face of falsifying the truth.

Keywords: Malaise in culture; Magical thinking; Concealment of truth

Resumen

El uso disimulativo del objeto y corrupción de la verdad

El discurso, en el ámbito del sujeto social, constituye un eficiente modulador de las relaciones estructurales civilizadoras. Como norma, se espera que el proceso comunicacional cumpla con su función primordial de aclarar y facilitar

Carlos Augusto Ferrari Filho

la comprensión de la realidad y, por lo tanto, contribuya positivamente a la construcción del conocimiento. Pero, en tiempos de crisis, en tiempos de exacerbación del malestar en la cultura, ¿es legítimo esperar que el uso de la palabra, particularmente del discurso racional, mantenga su potencia organizadora? Dentro de un marco conceptual psicoanalítico, utilizándose algunos conceptos de Freud sobre el desarrollo de los rudimentos de un dispositivo psíquico capaz de pensar la realidad misma, o lo incognoscible, se cuestiona la fuerza (des) estructurante de la palabra. Se observa, en particular, la fuerza del pensamiento mágico, o la potencia del deseo, lo cual, en situaciones de crisis, al avanzar sobre el pensamiento racional, tiene el poder de deconstruir la fuerza reveladora de la palabra. Se discute brevemente, utilizando un ejemplo clínico y dos situaciones históricas, un concepto exploratorio y el uso disimulativo del objeto, que examina el efecto psíquico desorganizador frente al falseamiento de la verdad.

Palabras clave: Malestar en la cultura; Pensamiento mágico; Disimulación de la verdad

Referências

- Bollas, C. (1989). *Forças do destino: psicanálise e idioma humano*. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- Faria, C.G. (2021). Momentos de “des-existir” e espaços vazios de “des-existência”. *Revista de Psicanálise da SPPA*, 28 (1), no prelo. (Trabalho apresentado na SPPA, maio de 2020.)
- Freud, S. (1976). A interpretação dos sonhos. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900).
- Freud, S. (1976). Sobre a psicopatologia da vida cotidiana. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 6). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1901).
- Freud, S. (1976). Os chistes e sua relação com o inconsciente. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 8). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1905).
- Freud, S. (1976). O ego e o ID. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1976). O problema econômico do masoquismo. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 19). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1924).

Uso dissimulativo do objeto e a corrupção da verdade

- Garton Ash, T. (2020, 10 de diciembre). El Brexit y el futuro de la UE. *El País* [On-line]. Recuperado de <https://elpais.com/opinion/2020-12-10/el-brexit-y-el-futuro-de-la-ue.html>
- Guimón, P. & Sahuquillo, M. (2016, 24 de junio). ‘Brexit’ vence e Reino Unido deixará a União Europeia *El País* [On-line]. Recuperado de: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/24/internacional/1466741749_403437.html
- Judt, T. (2007). *Pós-Guerra: uma história da Europa desde 1945*. Rio de Janeiro: Objetiva: eBook Kindle.
- Mahler, M.S., Pine, F. & Bergman, A. (1975). *O nascimento psicológico da criança*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- Vargas Llosa, M. (2018). *O chamado da tribo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.

Recebido de 27/01/2021

Aceito em 10/03/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Carlos Augusto Ferrari Filho

Rua Tobias da Silva, 253/203

90570-029 – Porto Alegre, RS – Brasil

caferrarifilho@gmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA